



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i1.3787>

O DESAFIO ECUMÊNICO DA LITURGIA CRISTÃ¹

The ecumenical challenge of the Christian liturgy

Elias Wolff²

Resumo: A liturgia é uma das principais expressões da vida cristã e da igreja, configura seu ser e seu agir. Celebramos o que cremos! E a diversidade de expressões litúrgicas, sacramentais e não sacramentais, mostram como a igreja contextualiza sua vivência da fé, na dinâmica do Espírito que a enraíza na diversidade das culturas e dos tempos. Contudo, no contexto do pluralismo eclesial, essa diversidade pode ser também expressão de divergências na compreensão da fé e, conseqüentemente, do culto que celebra a fé. O objetivo deste artigo é refletir sobre essas divergências, apontando caminhos para superá-las a fim de que as igrejas possam celebrar conjuntamente a fé que professam. O método utilizado é a análise qualitativa da bibliografia que mostra o diálogo ecumênico sobre a liturgia cristã. Os resultados atingidos mostram que a comunhão litúrgica é possível, como expressão da comunhão na fé que as igrejas buscam. Mas para isso é fundamental que as igrejas intensifiquem tanto a recepção dos resultados já obtidos pelo diálogo quanto a continuidade do diálogo sobre as questões ainda divergentes sobre a fé que creem e que celebram.

Palavras-chave: Fé cristã. Liturgia. Ecumenismo.

Abstract: The liturgy is one of the main expressions of the Christian life and the church. It configures its being and its action. We celebrate what we believe! And the diversity of liturgical expressions, sacramental and non-sacramental, show how the church contextualizes its experience of faith, in the dynamics of the Spirit that roots it in the diversity of cultures and times. However, in the context of ecclesial pluralism, this diversity can also be an expression of divergences in the understanding of faith and, consequently, of the worship that celebrates the faith. The purpose of this article is to reflect on these differences, pointing out ways to overcome them so that the churches can celebrate the faith they profess together. The method used is the qualitative analysis of the bibliography that shows the ecumenical dialogue about the Christian liturgy. The results achieved show that liturgical communion is possible as an expression of the communion in faith that the churches seek. But for this to happen, it is crucial that the churches intensify both the reception of the results already achieved by the dialogue and the continuity of the dialogue on the still diverging questions about the faith they believe and celebrate.

Keywords: Christian faith. Liturgy. Ecumenism.

¹ O artigo foi recebido em 01 de agosto de 2019 e aprovado em 03 de janeiro de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Teologia. PUCPR. E-mail: elias.wolff@pucpr.br

Introdução

A comunidade cristã possui uma rica diversidade de formas litúrgicas para celebrar sua fé. O mistério é celebrado por sinais sensíveis que se expressam pela corporeidade, a reunião de pessoas diferentes, as fórmulas de orações, os hinos, a escuta da Palavra, os gestos rituais diversos. Em torno da liturgia estão os vários sacramentos, as celebrações da Palavra, os sacramentais, a liturgia das horas, a divisão do ano litúrgico, com suas festas e memórias. Vinculadas a isso estão também várias expressões da religiosidade popular, como romarias, novenas, *vias-crucis*, muitas vezes formadas à margem da oficialidade eclesiástica. Tudo forma um simbolismo que une mundos diversos, humano e divino; indivíduo e comunidade; material e espiritual; igreja e sociedade.

Essa diversidade, presente no interior de uma mesma igreja, é ainda maior se considerado o pluralismo eclesial atual. Cada igreja possui seus ritos litúrgicos próprios. Contudo, no interior desse pluralismo as diferenças litúrgicas podem ser também expressão de divergências na fé cristã e, conseqüentemente, no culto que a celebra. Neste estudo, perguntamos pelas possibilidades de as igrejas se reconhecerem mutuamente em suas liturgias e, inclusive, tê-las em comum. De um lado, para que isso aconteça é preciso avançar nos caminhos do diálogo que visam à superação das divergências teológicas e doutrinárias sobre vários aspectos da fé cristã e da igreja. A celebração comum da fé exige a profissão de uma fé comum. De outro lado, o diálogo já obteve significativos consensos sobre a fé e a igreja, de modo que é já possível a realização de celebrações da fé comum. O desafio é encontrar o modo litúrgico consensual para essa celebração e efetivar sua realização nas comunidades. Trata-se de uma questão teológico-pastoral. É importante, portanto, consolidar os consensos na profissão da mesma fé em Cristo. E, além disso, mostrar como tal se expressa na vida concreta da igreja, fortalecendo as iniciativas para que a celebração dessa fé possa acontecer conjuntamente. Pois “tais preces comuns são certamente um meio muito eficaz para impetrar a graça da unidade” e manifestação “genuína” dos vínculos entre todas as pessoas que creem em Cristo (UR 8).

A ecumenidade da comunhão litúrgica

A comunhão eclesial se expressa de um modo privilegiado na comunhão litúrgica, mostrando que a profissão da fé em Cristo e o fato de ser membro de sua igreja exige a participação comum na celebração da fé. A liturgia cristã tem várias formas, as quais tem como centro a Eucaristia/Ceia. Por isso “A comunhão eclesial tem sua plenitude na comunhão eucarística; a comunhão eucarística tem como pressuposto a comunhão eclesial”³. Assim, na fé cristã o ato de louvor, de gratidão, de súplica de auxílio ou de perdão a Deus tem sempre uma dimensão comunitária, mesmo quando aparentemente realizado sozinho. Primeiro, porque a oração cristã acontece no co-

³ COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANA (Alemanha). Celebrare la domenica. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000a. v. 2, p. 684.

ração de um Deus que é comunhão, Uno e Trino – é elevada ao Pai, pelo Filho, no Espírito – o destinatário da oração cristã. Segundo, porque uma pessoa que realmente se conecta com Deus pela oração nunca está só. Com ela está presente a sua comunidade local, a igreja universal, a humanidade inteira: “Na celebração cristã o mundo é colocado diante de Deus na oração e no louvor, na súplica e na ação de graças”⁴.

Essa dimensão comunitária da oração se explicita na reunião dos membros da comunidade para o ato litúrgico. A liturgia congrega a comunidade inteira, mesmo que apenas alguns de seus membros estejam fisicamente presentes. E não é um ato exclusivo da comunidade local, mas uma ação da igreja toda. A liturgia reúne a igreja local, mas vai além, ela integra na igreja universal, de modo que na celebração litúrgica é toda a igreja que faz a oração e o louvor a Deus.

Assim se expressa tanto a catolicidade como a ecumenicidade do culto cristão. Em sua essência, ele não é algo apenas confessional. Pelo Espírito, no qual como cristãos clamamos a Deus como Pai, *Abba*, a exemplo de Jesus (Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6). nos vinculamos a todas as pessoas que de alguma maneira são movidas por esse mesmo Espírito. No número 9 de *Gaudete et exultate*, o papa Francisco retoma o ensino de João Paulo II do n. 56 de *Novo millennio ineunte*, afirmando que “mesmo fora da Igreja Católica, e em áreas muito diferentes, o Espírito Santo suscita ‘sinais da sua presença, que ajudam os próprios discípulos de Cristo’”. Assim, o culto estabelece um vínculo místico não apenas entre as diferentes igrejas, mas com toda a humanidade e toda a criação: “A liturgia na terra é a representação visível do cosmos invisível reunido ao redor do trono de Deus”⁵. O culto cristão tem caráter inclusivista, possibilita sintonia e comunhão, indiscriminadamente.

Por isso a reconciliação que o movimento ecumênico busca entre as igrejas passa, necessariamente, pelo mútuo reconhecimento do culto que cada uma celebra e vai além, reconhecendo o contato com o Transcendente nas liturgias de todos os credos. Para os cristãos em particular, o restabelecimento da comunhão eclesial necessita da comunhão litúrgica. Na verdade, a liturgia é o teste da vivência ecumênica, a forma e a qualidade da participação litúrgica é a principal expressão do grau de comunhão entre as igrejas. Isso vale para os diferentes atos litúrgicos das comunidades cristãs, mas principalmente para a liturgia eucarística. Tal é o que concluiu o diálogo católico-luterano da Alemanha:

A medida da comunhão litúrgica existente entre as nossas igrejas corresponde à medida da comunhão eclesial. O aprofundamento da comunhão litúrgica pressupõe o aprofundamento da comunhão eclesial já existente. Por isso o nosso fim não é a comunhão isolada na eucaristia, mas um pleno reconhecimento recíproco, que leva consigo uma comunhão eclesial e na qual é incluída a comunhão eucarística⁶.

⁴ COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANA (Alemanha), 2000a, p. 685.

⁵ FAGERBERG, David W. Liturgy, signs and sacraments. In: BOERSMA, Hans; LEVERING, Matthew. *Sacramental Theology*. Oxford: Oxford University, 2015. p. 457.

⁶ COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANA (Alemanha), *Communione ecclesiale*. (1984). In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000b. v. 2, n. 39/633-634.

Tensões litúrgicas entre as igrejas

A igreja nasce como um ato de culto a Deus e nisso consiste sua natureza e missão. É o que atesta o Segundo Testamento ao mostrar que os cristãos se reuniam frequentemente para orar, ouvir o ensino dos apóstolos e partir o pão (At 2.42,46; 20.7). Foram essas reuniões que deram origem à comunidade cristã e a fortaleceram frente às perseguições e na missão. E grande parte da história da igreja diz respeito ao desenvolvimento da sua liturgia, tal como as pregações bíblicas feitas nas comunidades, as instruções sobre o modo de organizar a assembleia litúrgica, as fórmulas de orações e os hinos. Assim, a história da liturgia é a história da igreja, e a história da igreja é expressão da sua vida litúrgica. O culto litúrgico é o espaço da profissão da fé, da sua formação e aprofundamento, e do sustento no testemunho. Esse fato foi sintetizado na máxima de Próspero de Aquitânia (séc. V): *lex orandi, lex credendi*⁷. cremos o que celebramos! E celebramos o que compreendemos, ao menos em parte, de modo que a liturgia é a primeira fonte da teologia. Podemos dizer também *lex credendi, lex vivendi*. Vivemos o que cremos! Por isso *leitourgia* tem a ver com a vida concreta no exercício da *diakonia*, da *koinonia* e da *martyria*. A liturgia é, assim, a porta de entrada na igreja, bem como o ato último da caminhada na igreja terrena.

Com o desenvolvimento das comunidades cristãs surgiram tradições litúrgicas diversas, como a síria ocidental, a síria oriental, a bizantina, a ambrosiana, a romana etc., construídas sob a influência de fatores religiosos e socioculturais locais. Inicialmente, tal diversidade não impossibilitou a vivência na comunhão. Mas com as várias divisões sofridas pelo cristianismo, as famílias litúrgicas foram se identificando com as igrejas confessionais locais e atualmente já não mais se reconhecem na comunhão da fé e da sua celebração. As concepções litúrgicas enfatizam divergências teológicas, rituais e pastorais. Algumas igrejas possuem elementos que entendem de rica tradição, o que para outras pode parecer simples arcaísmo; algumas possuem mais liberdade para se adaptar aos diferentes tempos, lugares e contextos culturais, enquanto outras apresentam normas mais inflexíveis; algumas utilizam forte simbolismo como estímulo à imaginação, enquanto outras entendem tal simbolismo como engano das emoções, artificialidade e distanciamento do verdadeiro mistério celebrado. Além disso, as igrejas possuem formas “litúrgicas” e “não litúrgicas” de culto, cuja distinção nem sempre é clara. E algumas possuem uma liturgia fixa, enquanto outras deixam maior liberdade para cada celebração. É um desafio harmonizar essas diferenças sem cancelar as especificidades, tal como a oração individual e a comunitária, a “litúrgica” e a “não litúrgica”, de modo a mostrar que a igreja orante se manifesta em diferentes formas de comunhão no conteúdo da fé celebrada.

A espiritualidade, a teologia, a concepção de igreja, de ministérios e da missão se enraízam, se expressam e se fortalecem nas diferentes formas litúrgicas das igrejas. Mas as formas de celebrar nas igrejas atuais expressam não apenas diferenças circunstan-

⁷ Deriva da frase *ut legem credendi lex statuat supplicandi*, atribuída ao papa Celestino I (422-432), mas que atualmente sabe-se que é de Próspero de Aquitânia, discípulo de Agostinho.

ciais, e sim uma real e profunda divisão na fé cristã. Esse fato é uma grave contradição ao culto ao Deus comunhão, principalmente o culto eucarístico. No estado de divisão, o culto das igrejas tem caráter eminentemente confessional. E, assim, a liturgia que elas realizam é carente da expressão da comunhão com muitos que creem no mesmo Cristo, de forma igual ou com diferenças, mas não podem dela participar porque não congregam na mesma estrutura eclesial. Essa exclusão e fragmentação ferem a natureza e a essência do culto realizado. Então a diversidade cria tensões que no contexto de divisão tornam difícil perceber nas liturgias das igrejas fatores que podem ser também expressões da riqueza gerada pela ação do Espírito em cada uma delas. E no respeito ao Espírito que une na diversidade é importante que as diferentes formas de celebrar a fé sejam examinadas tanto em função da unidade que as igrejas buscam, quanto em função da missão para a qual existem: “Se as igrejas confessionais não quiserem se tornar seitas marginais, elas estão desafiadas a abrir um acesso melhor e mais fácil para a força moldadora da liturgia cristã e para a inserção sacramental das pessoas”⁸.

O que é essencial na liturgia cristã?

Nesse contexto, a confessionalidade da fé tornou-se um confessionalismo pelo qual o que seria apenas específico ou ênfase em uma tradição eclesial passou a ser exclusivo. E o pluralismo litúrgico, que, por sua vez, expressa o pluralismo eclesial, dificulta o discernimento sobre o que é essencial na liturgia cristã. Se chegarmos a um consenso do que é “essencial”, tal poderia ser admitido como “norma” comum a todas as igrejas. Não se trata de um minimalismo ritual, rubricista, na forma. Trata-se, antes, de uma base doutrinal comum, de modo que a essência da liturgia cristã seja expressão dos consensos doutrinários existentes entre as igrejas. É uma questão de conteúdo e não apenas de forma litúrgica, onde estão implicadas questões bíblicas, cristológicas, sacramentais, escatológicas, eclesiológicas, pastorais etc. O conjunto da fé cristã está em jogo num ato litúrgico.

Na tradição católica entende-se que a essência da liturgia consiste na santificação dos fiéis e em render glória de Deus (n. 10.61.112). A liturgia o faz como “atualização da nova aliança” que Deus realiza com a humanidade em Cristo e na força do Espírito. Isso significa que a liturgia torna presente a totalidade das ações salvíficas de Cristo, seu “trabalho de redenção” (SC 2.5), ou “trabalho de salvação” (SC 6) ou “mistério de Cristo” (SC 5). Nesse sentido, Cristo mesmo é o sujeito primeiro e principal da liturgia, enquanto a igreja, como comunidade dos fiéis em Cristo, é o agente secundário. O *Catecismo da Igreja Católica* afirma que a fonte e a finalidade da liturgia consistem, essencialmente, na ação de Deus, que é quem abençoa o mundo com o mistério pascal, um Deus que encontra, age, dá e recorda o sentido, dá o enten-

⁸ CENTRO DE ESTUDOS ECUMÊNICOS (Estrasburgo); INSTITUTO DE PESQUISA ECUMÊNICA (Tübingen); INSTITUTO DE ESTUDO DAS CONFISSÕES (Bensheim). *A Comunhão Eucarística é Possível*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006. p. 20.

dimento espiritual, faz presente o mistério único de Cristo, nos transforma e nos leva à comunhão com o Ele mesmo (nn. 1077-1112).

Não é fácil responder à pergunta sobre o que é “essencial” no culto que as diferentes igrejas realizam. A resposta exige, de um lado, ter presente de qual liturgia se trata (Liturgia da Palavra, do Batismo, da Eucaristia ou de algum outro sacramento, ou liturgias dos cultos devocionais que algumas igrejas possuem) e de qual igreja estamos falando. De outro lado, a resposta precisa verificar em que as liturgias das igrejas realmente sintonizam. A essência da liturgia para uma igreja pode ser a essência da liturgia para outra igreja, ou mesmo para todas, só na medida em que explicitar o essencial da fé cristã por elas professada e celebrada. Na forma ou estilo litúrgico, verificam-se elementos comuns entre as igrejas, como: acolhida, ato penitencial, glória, leitura da Palavra e pregação, profissão de fé, ritual do pão e do vinho, oração do Pai-Nosso, despedida e envio. E há também momentos estruturantes comuns, como o momento penitencial, de louvor, da escuta da Palavra etc. A ordem e a presença desses elementos e momentos variam em cada uma das ações litúrgicas das igrejas. Mas não bastam semelhanças formais. O fundamental é verificar em que medida o conteúdo celebrado por esses elementos e momentos litúrgicos é também comum. Uma base teológica comum para isso apresentamos adiante (4.1).

Há diversas tentativas de propor uma base comum, ou um *ordo* litúrgico para celebrar a fé cristã que seja ecumênico e transcultural ao mesmo tempo. Mas o consenso sobre tais propostas está ainda distante de ser alcançado. No campo evangélico, uma das mais notórias, e recentes, é de Gordon Lathrop, que apresenta como elementos essenciais de um *ordo* da liturgia cristã: basear-se nas aparições do Jesus ressuscitado, sobretudo aos discípulos de Emaús em Lucas 24; valorizar o Batismo e o domingo com base na *Primeira Apologia* de Justino Mártir, os documentos confessionais tradicionais das igrejas e as convergências ecumênicas atuais. E na estrutura do rito litúrgico não poderia faltar o banho, a Palavra, a mesa.⁹ Na verdade, todos esses momentos, em si mesmos, são *liturgias*, mesmo se compõem ou expressam a liturgia da Palavra ou da Eucaristia, ou de outro sacramento. E tudo supõe, naturalmente, uma comunidade reunida, que forma a assembleia litúrgica, e um presidente da celebração com o ministério reconhecido para tal função. Se concordarmos com essa proposta, nos elementos essenciais da liturgia cristã estão: a fé, a comunidade, o rito celebrativo (com seus vários elementos e momentos), o ministro que preside a celebração, a missão. As igrejas têm isso em comum quanto à *forma* estruturante do culto. Mas isso é pouco. Repetimos que urge explicitar também o *conteúdo* comum do que é celebrado. Tal é o que conta, e não os estilos litúrgicos.

Unidade na liberdade

A comunhão no conteúdo da fé salvaguarda a liberdade de cada tradição eclesial no modo de celebrar a fé comum. A busca do que é essencial na liturgia cristã não

⁹ LATHROP, Gordon. *What are the Essentials of Christian Worship?* Minneapolis: Augsburg, 1994. p. 22-23.

pode uniformizar as tradições litúrgicas das igrejas, impedindo a liberdade como dom do Espírito. As igrejas têm culto “litúrgico” e “não litúrgico”, e a compreensão deles exige analisar os fatores teológicos e não teológicos (sociológicos, culturais etc.) que influenciam nas diferentes formas de culto nas diferentes igrejas. O culto “litúrgico” diz respeito ao núcleo da fé cristã, mas há uma relação de essência entre as várias formas de celebrações sendo os aspectos “litúrgico” e “não litúrgico” expressões que não se contradizem. Igual relação existe entre a oração privada e a liturgia comunitária. Além disso, algumas igrejas possuem disciplinas litúrgicas normativas, enquanto outras deixam mais liberdade às comunidades. Há concordância que a liturgia fixa “ajuda a conservar e a transmitir o patrimônio de fé e devoção”¹⁰, mas deve-se cuidar para não enrijecer o culto com normas disciplinares. E é próprio da igreja “usar a oração litúrgica como um meio para disciplinar a oração privada do cristão e alargar o raio da sua intercessão; da sua parte, a oração privada do cristão estimula a vida litúrgica e a purifica dos seus traços de formalismo”¹¹. Analisando esse aspecto, chegou-se ao consenso que

O culto cristão não deve ser subordinado às mutáveis exigências da natureza humana; ele tem o seu fundamento na iniciativa de Deus e na sua revelação. Mas o seu conteúdo deve ser apresentado de modo correspondente à realidade da nossa atual vida comum¹².

Nisso é importante observar que a liturgia não é uma ação humana para Deus. Ela é primeiramente, como vimos acima, o trabalho de Deus pelo humano. Na liturgia Deus, como ator principal, é quem nos orienta no culto que a ele prestamos e por ele concede-nos sua graça, abençoa e salva.¹³ De outro lado, no culto acontece a resposta humana para Deus. Assim há uma sinergia no culto: o ser humano entra com o “serviço” dos hinos, da proclamação da Palavra, da pregação, das orações etc., envolvidos num contexto existencial e sociocultural específico. Isso é o que dá o rosto comunitário da liturgia, preparada contextualmente. Deus atua em e por meio do “serviço” que realizamos. A questão não é, portanto, se devemos ou não ter liturgia, mas “o que” fazer nas assembleias litúrgicas da comunidade para que sejam de fato existenciais, significativas, revigoradoras da fé, da esperança e da caridade, e fortaleçam a missão da igreja no mundo. É nesse sentido que a liturgia forma a comunidade e lhe dá uma identidade litúrgica. A liberdade para criar novas formas litúrgicas a cada tempo e

¹⁰ FÉ E ORDEM. III Conferenza mondiale: Lund, 1952 – Rapport. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2005a. v. 6, n. 3/875.

¹¹ FÉ E ORDEM, 2005a, n. 3/875.

¹² FÉ E ORDEM, 2005a, n. 4.1/880.

¹³ É importante observar que há significados específicos para “liturgia” e “culto”, mesmo se por vezes são utilizados como sinônimos. “Liturgia” em latim significa serviço, ou serviço público, prestado à coletividade. Na teologia cristã designa o conjunto dos elementos e das práticas do culto religioso, uma compilação de ritos e cerimônias (missa, orações, cerimônias, rituais sacramentais etc.), preestabelecidos formalmente pela igreja. Conforme João 16.2; Romanos 9.4 e 12.1, “culto” ou “serviço(s) sagrado(s)”; em Hebreus 9.1 e 6 indica o serviço de obediência a Deus em geral, ou pode se referir, como nas duas citações em Hebreus 9, aos atos específicos de louvor dirigidos a Deus. A origem latina de “culto” significa adoração, devoção, homenagem ao soberano e supremo Deus.

contexto precisa estar equilibrada com duas fidelidades: de um lado, corresponder aos diferentes momentos e contextos vitais da comunidade no presente. O dinamismo desse processo exige mudanças. Mas, de outro lado, expressar fidelidade a uma tradição litúrgica da comunidade, a qual não tem origem a cada novo contexto sociocultural, mas se adapta a ele. Uma comunidade que tem constância nas formas litúrgicas é muito diferente da comunidade que está continuamente provando formas litúrgicas alternativas. Estudiosos evangélicos entendem que

o primeiro tipo de comunidade será, indubitavelmente, mais “ortodoxa”, mais “luterana” em sua autovisão teológico-doutrinal. [...] Pois a questão não é apenas de estilo litúrgico. A liturgia não é apenas expressão da nossa oração e louvor a Deus ou escuta da Palavra de Deus. Mais que isso, como verdadeira expressão corporativa da própria identidade e cosmovisão da liturgia comunitária, o corpo de Cristo neste tempo e lugar, expressado concretamente em seus textos e ações litúrgicas, a finalidade da liturgia não é permear nossas vidas de ritual, mas permeá-las com Cristo para a construção do seu próprio corpo, a igreja, e para a salvação e vida do mundo¹⁴.

Caminhos percorridos

A comunhão litúrgica é a maior expressão possível da comunhão eclesial almejada pelo diálogo ecumênico. A unidade na fé cristã e no ser da igreja tem como ápice a celebração comum, sobretudo da Eucaristia, mostrando que a meta ecumênica foi de fato alcançada. Tal é o que se espera alcançar na unidade futura. Se todos os que recebem o mesmo sacramento do Batismo pertencem a Cristo e à sua igreja, urge ampliar e expressar essa pertença de forma cultural, sobretudo no culto da Palavra e da Eucaristia. Não há porque tardar os passos na direção de uma comunhão litúrgica que expresse as convergências e os consensos já alcançados pelo diálogo ecumênico. Ao mesmo tempo, isso fortalece a busca da meta que está ainda no futuro. Por isso é importante trabalhar os elementos de tensões e de conflitos nas liturgias das igrejas, de modo a propor caminhos litúrgicos que lhes possibilitem sentir que de fato realizam *o mesmo* culto, mesmo se distinto em seu aspecto formal.

Passos são dados nessa direção. Eles são impulsionados, por um lado, pelo movimento litúrgico que buscou renovar a liturgia cristã em larga medida pelo retorno à base da liturgia da igreja primitiva, favorecendo para uma teologia comum. Por outro lado, a renovação litúrgica foi incentivada pelo movimento ecumênico: “O desejo de superar as barreiras que por séculos dividiram uma denominação da outra levou inevitavelmente a um exame dos diferentes costumes litúrgicos que existiam entre as igrejas, e ao desejo de não fazer separadamente o que nós poderíamos fazer juntos na área de uma revisão litúrgica”¹⁵. Nesse contexto se situa a Constituição

¹⁴ JOHNSON, Maxwell E. *The Church in Act – Lutheran Liturgical Theology in Ecumenical Conversation*. Minneapolis: Fortress, 2015. p. 122-123.

¹⁵ BRADSHAW, Paul F. The homogenization of Christian Liturgy – Ancient and modern: presidential address. *Studia Liturgica*, v. 26, 1996. p. 8.

sobre a Liturgia do Vaticano II, *Sacrosanctum concilium*, com importante esforço ecumênico de fortes implicações na pastoral litúrgica, principalmente na revisão do *Lecionário Comum*, na forma e conteúdos da Liturgia Eucarística, na renovação dos Ritos da Iniciação Cristã, na revisão do calendário litúrgico incluindo o tríduo pascal e os cinquenta dias da Páscoa.

Os resultados desses esforços se fazem sentir em dois principais âmbitos, que aqui apresentamos em continuidade ao que mostramos acima como essência da liturgia cristã:

Uma base teológica comum

As reformas litúrgicas dos anos 60 e 70 do século XX possibilitaram bases teológicas comuns para as diferentes igrejas, explicitando alguns elementos:

1) *Dimensão trinitária*: “O culto cristão existe lá onde Deus uno e trino se manifesta ao seu povo na palavra e no sacramento”¹⁶: a) ele é endereçado ao Pai, como louvor e ação de graças pelo seu amor para com a humanidade; b) acontece por Cristo, o único mediador entre o céu e a terra (1 Tm 2.3-5), de modo que se enraíza no ministério de Jesus Cristo, tanto histórico quanto ressuscitado, c) e acontece no Espírito, o que nos possibilita reconhecer o Deus que se manifesta em Jesus Cristo, discernir e optar pelo seu projeto amoroso para com a humanidade. É o Espírito quem ora em nós e nos possibilita pronunciar a palavra *Abba*, tal como Cristo nos ensinou (Mt 6.9-13; Lc 11.2-4). Por essa dimensão trinitária a liturgia foi assim definida: “liturgia é a *perichoresis* da Trindade kenoticamente estendida para convidar nossa ascensão sinérgica de deificação”¹⁷.

Vale observar o fato de que a centralidade cristológica da liturgia cristã ganha expressão principal na celebração do Batismo e da Eucaristia, como “memória, comunhão e espera”¹⁸. A igreja vive dessa memória e dessa esperança. Assim,

As celebrações se alimentam da memória da salvação, do milagre de cada dia, dos sinais da aproximação do Senhor. Nas celebrações, a vida dos indivíduos se funde num projeto mais amplo. Na tensão entre uma memória comunitária, que se projeta num passado distante, e a esperança comum do retorno de Jesus Cristo e do cumprimento da criação, a nossa vida adquire significado e profundidade¹⁹.

2) *Caráter eclesiológico do culto*: a vida cristã se expressa e se fortalece de forma privilegiada no culto da igreja. O culto diz respeito à vida inteira da igreja, comunidade do povo de Deus reunida em Cristo. De um lado, no culto é Deus quem nos reúne em Cristo por meio do Espírito, com sua graça e nos forma na *koinonia* da sua palavra e seus dons sacramentais. Nessa reunião cultual, os fiéis em Cristo formam

¹⁶ FÉ E ORDEM, 2005a, n. 2/874.

¹⁷ FAGERBERG, 2015, p. 457.

¹⁸ FÉ E ORDEM. IV Conferenza mondiale: Montréal, 1963 – Rapporto. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2005b. v. 6, n. 108, letra “g”/956.

¹⁹ COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANA (Alemanha), 2000a, p. 681.

comunidade na escuta da Palavra, da oferta de si mesmos e da intercessão de Cristo por toda a humanidade, e comungam dos sacramentos. Assim, o culto forma a comunidade cristã. Por outro lado, no culto a comunidade se eleva a Deus em Cristo. O culto de todo o povo de Deus e de toda a igreja é uma resposta ao chamado à comunhão que Deus nos faz. É a participação dos fiéis, por meio da Palavra e do sacramento, o que torna possível o ministério da igreja em vários tipos de culto e na piedade pessoal: “O povo de Deus, exercitando esta disciplina da oração e da piedade cotidiana [...] reforça o culto de toda a congregação”²⁰.

3) *Santificação solidária*: como acenamos acima, a Constituição *Sacrosanctum concilium* apresenta duas finalidades da liturgia: a santificação dos fiéis e a glória de Deus (n. 10.61.112). Afirma que “a liturgia dos sacramentos e sacramentais [...] santifique todos os passos da vida dos fiéis que os recebem com a devida disposição” (n. 61). Mas o culto ao Deus todo Santo não é uma simples busca de santificação pessoal, de modo individualista e egoísta, o que muitas vezes se busca de forma mágica pelo simples cumprimento do preceito, a pronúncia de fórmulas ou a realização de ritos. A vida de santidade buscada e fortalecida no culto é um processo comunitário: “aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente [...] mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente” (LG 9). Por isso, na dimensão comunitária do culto exercitamos o princípio da solidariedade, humana e espiritual: “O nosso culto agrada a Deus, quando levamos lá os propósitos de viver com generosidade e quando deixamos que o dom lá recebido se manifeste na dedicação aos irmãos” (*Gaudete et exultate*, n. 104). Afinal, “o amor é o cumprimento perfeito da lei” (Rm 13.10).

4) *Aspecto missionário do culto*: A Conferência de Fé e Ordem realizada em Lund (1952) reconheceu que as igrejas possuem um substancial acordo sobre a natureza do culto cristão em seu duplo aspecto de “serviço” a Deus e ao mundo, tal como significa o termo *leitourgia*²¹. Esse acordo se manifesta também no vínculo entre o culto e a missão. No culto se realiza a ação redentora de Deus e a unidade dos fiéis. Ele nos envia para além do momento presente ao testemunho de fé do que esperamos, para a igreja e para o mundo: o reino de Deus. No culto, a igreja se encontra com Deus, com toda a criação e toda a humanidade: “o culto cristão é um ato através do qual a igreja reconhece a sua identificação com a criação inteira, que oferece a Deus no serviço”²². Nele se cancela a autossuficiência humana e tudo se renova e se fortalece em Deus. Para isso toda a igreja e toda a vida cristã se transformam numa verdadeira *leitourgia*.

²⁰ FÉ E ORDEM, 2005b, n. 108, letra “d”/955.

²¹ O termo grego *leitourgos* *descrevia* alguém que fazia serviço público ou liderava uma cerimônia sagrada. Mesmo sendo usado na Antiguidade, apenas por volta dos séculos VIII e IX esse termo é aplicado ao contexto da eucaristia na igreja grega; e somente por volta do século XVI passou a fazer parte da Igreja Católica. A essência da liturgia cristã é a celebração do mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo, razão do culto prestado a Deus.

²² FÉ E ORDEM, 2005b, n. 108, letra “e”/956.

Consensos litúrgicos

Essa base teológica comum possibilita aproximações em diversos outros elementos do culto cristão, tal como nos ritos de iniciação cristã, no calendário litúrgico, nas diversas formas da liturgia eucarística. Maxwell E. Johnson, liturgista luterano dos EUA, cita os principais resultados desse esforço: a afirmação da identidade e da missão comuns no Batismo em Cristo, das crianças ou dos catecúmenos; o aprofundamento da consciência que a Palavra de Deus deve ser proclamada claramente, de modo audível, inteligível e com dignidade; o consenso que os ministros, presidentes ou não, têm consciência de seu lugar na assembleia e o usam de modo condizente com a liturgia ao Deus Uno e Trino; a partilha do pão e do vinho; o valor dos “sacramentais”, utilizados com o rico e abundante uso dos sinais sacramentais da água, do óleo, das bênçãos, da imposição das mãos, entre outros; o uso comum da Liturgia das Horas; o consenso nos quarenta dias da Quaresma, no Tríduo Pascal e nos cinquenta dias do tempo pascal como núcleo da vida cristã; o entendimento que a comunidade é ao mesmo tempo reunida na assembleia litúrgica e comprometida na missão da *martyria* e *diakonia*, e como o corpo de Cristo que ela recebe e celebra, ela mesma pode ser partilhada para a vida do mundo.²³

O mesmo autor mostra que, como consequência das aproximações ecumênicas na liturgia, mudaram os estilos litúrgicos a tal ponto que diversos elementos da liturgia eucarística de rito romano, luterano e anglicano são essencialmente os mesmos, tal como a arquitetura e as vestes, os hinos e textos diversos. Tal é o que constata também o liturgista católico Kenan B. Osborne, O.F.M., mostrando que as mudanças ocorridas nos rituais católicos romanos a partir do Vaticano II, causaram influência nas liturgias anglicanas e luteranas dos Estados Unidos. A Igreja Anglicana

desenvolveu seu próprio Livro de Oração Comum revisado e vários dos principais Sinodos Luteranos publicaram seu Livro de Culto Luterano. Nos rituais eucarísticos dos anglicanos e luteranos, foi feito um alinhamento deliberado com o culto eucarístico católico romano. O ciclo de leituras aos domingos é agora o mesmo em todas essas igrejas, e uma oração eucarística baseada em Hipólito (oração eucarística II no ritual romano) aparece nos rituais luteranos e anglicanos²⁴.

Há, assim, uma importante aproximação na linguagem litúrgica, como mostram as igrejas de fala inglesa no uso dos mesmos textos do “Ordinário da Missa”, como o *Kyrie*, Glória, Credo, *Sanctus* e *Agnus Dei*. Anglicanos e luteranos passaram a usar esses textos tendo como base o Missal do papa São Paulo VI, de 1970.²⁵ Em 1988, a *English Language Liturgical Consultation* publicou “Orando Juntos”, apresentando uma revisão desses textos com base nos anos do uso comum e na perspectiva

²³ JOHNSON, 2015, p. 243-244.

²⁴ OSBORNE, Kenan B. *Christian Sacraments in a Postmodern World*. New Jersey: Paulist, 1999. p. 26.

²⁵ É o que pode ser verificado, por exemplo, em textos litúrgicos como: *Lutheran Book of Worship*, 1978; *American Episcopal Book of Common Prayer*, 1979; *Evangelical Lutheran Worship*, 2006.

de futuro. Para as igrejas de língua inglesa, a aproximação litúrgica foi coordenada pela Comissão Internacional de Liturgia em Inglês e a Comissão Internacional de Textos em Inglês, ambas contando com a presença de liturgistas católicos.

Há uma importante consequência pastoral disso. Osborne diz: “Para os católicos romanos, anglicanos ou luteranos comuns, a liturgia eucarística nas três igrejas pode ser celebrada basicamente da mesma maneira”²⁶. E isso mesmo para além dos Estados Unidos. De fato, Maxwell E. Johnson afirma que o *Ordo Lectionum Missae* (1969) romano, que apresenta as leituras para três anos (A, B e C), tem sido utilizado por “quase 70% das igrejas protestantes de língua inglesa em todo o mundo”²⁷. Outra influência pastoral foi na celebração dos matrimônios. Osborne constata: “Devido à proximidade dessas liturgias, muitos casais em casamentos mistos desenvolveram um padrão de atendimento alternado nos serviços católicos romanos com serviços anglicanos ou luteranos”²⁸. Com base nisso, sugeriu-se a elaboração de um *ordo* litúrgico comum, ou uma base ecumênica e transcultural para a estrutura da liturgia cristã, tendo como núcleo a assembleia dos batizados aos domingos, os quais estão reunidos, ouvem a Palavra, partilham a comida e são enviados em missão.²⁹

Em tudo isso exerceu positiva influência o documento de Fé e Ordem sobre *Batismo, Eucaristia e Ministérios* (1982), com importantes convergências apresentadas no rito e na conferência que publicou esse documento, “liturgia de Lima”, uma celebração eucarística preparada por Max Thurian e que contou com a participação de representantes de todas as igrejas presentes, embora os ortodoxos e os católicos não tenham recebido a comunhão. Essa liturgia foi utilizada em diversas outras ocasiões, expressando a significativa convergência do documento sobre Batismo, Eucaristia e ministérios. Não obstante as críticas recebidas, a “liturgia de Lima” é a principal expressão de que

existe no meio do povo de Deus um evidente e óbvio desejo de ver as convergências doutrinárias, que emergem progressivamente, incorporadas e enraizadas na vida litúrgica da igreja. O lugar último da convergência doutrinária não é a mesa da discussão, mas a mesa da Palavra e a mesa do pão e do vinho³⁰.

A communicatio in sacris

Segundo o número 116 do *Diretório Ecumênico*

Entende-se por culto litúrgico o culto realizado segundo os livros, as regras e os costumes duma Igreja ou Comunidade Eclesial e presidido por um ministro ou um delegado

²⁶ OSBORNE, 1999, p. 27.

²⁷ JOHNSON, 2015, p. 244.

²⁸ OSBORNE, 2015, p. 27.

²⁹ LATHROP, Gordon. *Holy Things* – A liturgical theology. Minneapolis: Fortress, 1993. p. 33-83.

³⁰ BERGER, Teresa. Liturgia de Lima. In: CERETTI, Giovanni (Org.). *Dizionario Ecumenico*. Bologna: EDB, 1994. p. 694.

desta Igreja ou Comunidade. Tal culto litúrgico pode ter um caráter não sacramental, ou então pode ser a celebração de um ou dos vários sacramentos cristãos.

Trata-se, portanto, da “oração oficial de uma igreja” (DE 117), com a qual a comunidade se configura em sua identidade e sua missão. É importante observar que por liturgia o Diretório Ecumênico não entende apenas a celebração eucarística ou simplesmente o “cenário” preparado para a comunhão eucarística, que muitas vezes a precede e a conclui. Liturgia são as diversas formas de culto feitas pela comunidade cristã que celebra a sua união com Deus em Cristo e no Espírito. E mesmo que se tenha um “ministro ou delegado” eclesial presidindo a celebração, vimos acima que o verdadeiro liturgista é Cristo (Hb 8.6), pois é ele quem de fato reúne a comunidade para ouvir sua Palavra, dividir a Ceia que ele mesmo se faz, oferecer orações, súplicas e louvor.

Há, portanto, uma rica variedade de liturgias na religião cristã: liturgia da Palavra, do Batismo, da Eucaristia ou dos demais sacramentos, ou liturgias dos cultos devocionais. Elas fortalecem a fé na presença de Jesus: *Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles* (Mt 18.20). Nessas diversas celebrações, há uma centralidade na liturgia da Palavra e da Eucaristia, com variadas formas de realização nas diferentes igrejas como que “equipando” a comunidade pela Palavra e o sacramento para a vida e a missão no mundo.³¹ Para os católicos, a liturgia da Palavra aos domingos não pode substituir a liturgia eucarística. Com isso entende-se que a tradição católica não está subvalorizando a liturgia da Palavra, mas “quer mostrar como a santa missa seja sempre ao mesmo tempo liturgia da Palavra e liturgia sacramental”³². Por isso orienta-se para que as celebrações ecumênicas aconteçam em horários que não sejam da celebração eucarística.

Alguns desses cultos litúrgicos das igrejas podem contar com a participação de membros de outras igrejas (ex. Liturgia das Horas)³³. E essas liturgias nas quais é possível a participação de cristãos de diferentes igrejas “não são apenas expressão de abertura missionária, mas também a realização de uma comunhão *em e sob* Jesus Cristo na celebração da liturgia”³⁴. O grande desafio está na *communicatio in sacris*, para o que a Cúria Romana apresenta regras bem restritas.³⁵ As celebrações ecumênicas dos sacramentos são exceções, e em alguns lugares são propostas principalmen-

³¹ JOHNSON, 2015, p. 121.

³² COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANA (Alemanha), 2000a, p. 684.

³³ Trata-se de um subsídio para momentos de oração dos fiéis católicos, que contém textos bíblicos e patristicos para diversos momentos do dia: **Laudes** (Oração da Manhã, recitada no início do dia); **Hora Média** (Oração das Nove (Terça), das Doze (Sexta) e das Quinze horas (Nona)); **Vésperas** (Oração do Entardecer, recitada no fim da tarde); **Completas** (recitada antes de dormir) e **Ofício das Leituras** (pode ser recitado a qualquer hora do dia ou da noite). Nada impede que cristãos de diferentes igrejas utilizem esse subsídio para suas orações pessoais ou comunitárias. Em Santa Catarina, por exemplo, entre os anos de 1994 a 2006, o bispo da diocese de Joinville e o pastor sinodal da Igreja Evangélica de Confissão do Brasil (IECLB) faziam semanalmente a recitação das *Laudes*.

³⁴ COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANA (Alemanha), 2000b, n. 23.

³⁵ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Directório para a Aplicação dos Princípios e Normas sobre o Ecumenismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. n. 122-136.

te no caso de um matrimônio misto e no batismo dos filhos de matrimônio misto.³⁶ A prática da hospitalidade eucarística aparece em situações bem restritas, sobretudo na Igreja Católica. Nas celebrações católicas, onde ela é uma realidade costumeira, normalmente acontece à margem das orientações eclesiásticas. Em alguns lugares, o diálogo ecumênico contribuiu para o estabelecimento de critérios para sua realização. Tal é o caso da França, quando, em 1975, considerando a situação de diáspora em que se encontram muitos anglicanos, tendo em conta a dificuldade de ministros anglicanos atenderem espiritualmente os membros de sua igreja, de modo que permanecem longo período sem os sacramentos, a Comissão Católica-Anglicana publicou orientações para “Admissão dos anglicanos aos sacramentos na França”³⁷. Em outro documento da mesma comissão, a hospitalidade eucarística é também possibilitada para os anglicanos em celebrações de matrimônio misto que aconteçam com a celebração eucarística.³⁸ Em 2001 foram publicadas orientações para a admissão na eucaristia entre a Igreja Católica Caldeia e a Igreja Assíria do Oriente.³⁹ Esses são alguns dos exemplos que mostram que a hospitalidade eucarística é uma possibilidade e mesmo uma necessidade real. A *communicatio in sacris* pode tanto “testemunhar a unidade da igreja” quanto fortalecer a “participação nos meios da graça” (UR 8). Se a manifestação da unidade muitas vezes a impede, a participação da graça a requer. Os critérios a serem observados para isso precisam ser entendidos como orientações *para realizar* essa prática, e não para intimidá-la. Particularmente em relação à hospitalidade eucarística é fundamental compreender que

Não se deveria impedir de participar quem, na celebração da Ceia do Senhor, gostaria de confiar, sem reservas e com singeleza, no que Jesus Cristo presenteia aos seus em termos de presença salvífica e comunhão. A decisão da consciência moral dos indivíduos de participar da Santa Ceia deveria ser respeitada⁴⁰.

Pelo profundo significado que a *communicatio in sacris* tem na expressão da comunhão entre as igrejas, concordamos com estudos ecumênicos que afirmam que ela “deve ser o resultado de uma investigação e de uma doutrina comum”⁴¹. E nisso é importante considerar dois aspectos: teológico, que é a confissão da fé; e pastoral, a celebração da fé. À medida que as igrejas obtiverem consensos nesses dois âmbitos, vão se afirmando as possibilidades de partilha na vida sacramental. E essa partilha significa

³⁶ COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANO-REFORMADA (França). Battesimo. (1975). In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000. v. 2, p. 269-276.

³⁷ COMISSÃO CATÓLICO-ANGLICANA (França). Ammissione ai sacramenti degli anglicani in Francia. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000. v. 2, p. 200-201.

³⁸ COMISSÃO CATÓLICO-ANGLICANA (França). Matrimoni. (1980). In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000. v. 2, p. 214.

³⁹ DIÁLOGO CATÓLICO-CALDEU E IGREJA ASSÍRIA DO ORIENTE. Orientamenti per l’ammissione all’eucaristia. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2006. v. 7, p. 473-476.

⁴⁰ CENTRO DE ESTUDOS ECUMÊNICOS (Estrasburgo); INSTITUTO DE PESQUISA ECUMÊNICA (Tübingen); INSTITUTO DE ESTUDO DAS CONFISSÕES (Bensheim), 2006, p. 44.

⁴¹ COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANO-REFORMADA (França). L’intercomunione. (1969). In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000. v. 2, p. 241.

interrogar as igrejas sobre sua capacidade de viver esta unidade e de manifestá-la ao mundo; significa interpelar em nome de Cristo sobre sua responsabilidade sobre as divisões e as culpas históricas. Significa convidá-las a entrar no arrependimento ecumênico e deixar que Jesus mesmo atue na sua igreja⁴².

Na contramão do caminho

Contudo, a perspectiva ecumênica da liturgia cristã sofre resistências. Em 1999, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, de Roma, escreveu uma carta para a Comissão Internacional de Liturgia em Língua Inglesa dizendo que essa comissão estava proibida de prover algum outro texto original e estava ordenada a cessar os contatos cristãos não católicos para essa finalidade. Em 2001, o documento *Liturgiam authenticam*, versão inglesa da terceira edição do Missal de Paulo VI, pede cautela no uso de expressões e gestos que poderiam confundir a comunidade dos fiéis católicos e as comunidades cristãs não católicas. Por tais fatores, teólogos protestantes que se dedicaram à construção de propostas litúrgicas em perspectiva ecumênica lamentam que no novo Missal

a tradução comum do Glória, *Sanctus* e Creio são perdidos. Assim é a tradução comum tanto do diálogo completo do Prefácio quanto do diálogo presidencial mais curto “O Senhor esteja com você”. A Oração do Senhor ecumênica nunca teve muita chance entre os católicos romanos, mas este novo missal não dá nem um aceno para apresentá-la como uma alternativa. Podemos ainda, mais ou menos, partilhar o *Kyrie* e *Agnus Dei*, embora [...] como significando um pedido de misericórdia em meio a essa perda⁴³.

Resistências a essa caminhada aparecem também no documento *Dominus Iesus* (2000), ao apresentar uma relação da Igreja Católica com a Igreja de Cristo que se distancia do sentido de *subsistit in* apresentado nos números 8 e 15 da *Lumen gentium*. Ainda, a Constituição Apostólica *Anglicanorum coetibus*, publicada por Bento XVI em 2009 ao criar ordinariatos anglicanos dentro da Igreja Católica, dá a entender um sentido de unidade cristã como “retorno” a Roma de indivíduos ou grupos, em dissenso com a proposta da teologia ecumênica. O *motu próprio Summorum Pontificum* (Bento XVI, 2007), sobretudo ao dizer que a missa em Latim nunca foi ab-rogada, está no sentido revisionista e restauracionista que se distancia do Vaticano II.

Na continuidade do caminho

As dificuldades encontradas para uma comunhão litúrgica podem atrasar os passos para avançar nessa direção, mas não nos tiram do caminho. E enquanto a meta

⁴² COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANO-REFORMADA (França), 2000, p. 242.

⁴³ LATHROP, Gordon. *Ecumenical affirmation and admonition revisited*. Disponível em: <<https://www.praytellig.com/index.php/2010/10/12/ecumenical-affirmation-and-admonition-revisited/>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

estiver definida, a caminhada continua. A meta é o louvor e a glória de Deus. A celebração comum da mesma fé, pela qual acontece a santificação dos fiéis, é meio, sustento e expressão disso. As igrejas em diálogo almejam a celebração comum da fé cristã, com hinos de louvor, pedidos de perdão, súplicas e agradecimentos a Deus. Em muito isso é não apenas possível, como necessário. Na medida em que tal acontece, as igrejas estão alimentando a convicção ecumênica, depositando confiança nos processos do diálogo que visa à superação das divergências. A oração comum possibilita ampliar os espaços, os parceiros e os meios do diálogo. Novas propostas que enriquecem a liturgia cristã ampliam as possibilidades de atingir a meta buscada.

É por essa razão que estudos de liturgia em perspectiva ecumênica continuam em diversas partes do mundo, como explicitam as atividades de organizações como a Sociedade Internacional de Liturgia, a Academia Norte-Americana de Liturgia e a Sociedade Oriental de Liturgia, entre outras. Periódicos editoriais como *Worship* e *Studia Liturgica* promovem tais estudos. Walter Kasper, comentando os resultados já obtidos por esses esforços e o que ainda resta por fazer para se atingir uma plena comunhão que se expresse numa liturgia eucarística comum, afirma que para cumprir a agenda ecumênica “não podemos nos dar ao luxo de nos ater às nossas diferenças”⁴⁴. E em fevereiro de 2010 o teólogo alemão propôs, corajosamente, trabalhar para um catecismo ecumênico oficial onde se mostre “nossa fundação comum em Jesus Cristo e a Santíssima Trindade como expressam nosso credo comum e a doutrina dos primeiros concílios ecumênicos”⁴⁵. Ao seu tempo, Karl Rahner e Heinrich Fries afirmavam que entre algumas igrejas já existe a “partilha do púlpito”, e essa “pressupõe uma comunidade de fé”⁴⁶. O papa João Paulo II deixa claro, no número 46 da encíclica *Ut unum sint*, a possibilidade de um ministro católico administrar os sacramentos da Eucaristia, Penitência e Unção dos Enfermos aos fiéis de outras igrejas, quando eles o desejarem, pedir livremente e manifestarem a fé que a Igreja Católica professa nesses sacramentos. Reafirma, assim, o que orienta o Diretório Ecumênico, sobre *communicatio in sacris*, nos números 92-100, mas com uma importante novidade: sem citar como exigência a impossibilidade de recorrer ao ministro da própria igreja. Para o papa Francisco, a base para isso é compreender que: “São tantas e tão valiosas as coisas que nos unem! E se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros!” (EG 246).

⁴⁴ Apud SERFONTEIN, Anli. *Vatican cardinal says lack of shared communion his greatest regret*. Disponível em: <<https://www.eurasiareview.com/22072010-vatican-cardinal-says-lack-of-shared-communion-his-greatest-regret/>>. Acesso em: 29 out. 2019.

⁴⁵ Apud WOODEN, Cindy. *Cardinal asks dialogue partners if an ecumenical catechism might work*. Disponível em: <https://ecumenism.net/2010/02/ecumenical_catechism_proposed_by_cardinal_kasper.htm>. Acesso em: 29 out. 2019.

⁴⁶ RAHNER, K.; FRIES, H. *Unity of the Churches: an actual possibility*. New York: Paulist; Philadelphia: Fortress, 1985. p. 125.

Passos possíveis e necessários

A comunhão litúrgica continua uma importante meta do movimento ecumênico. É fundamental continuar o caminho nessa direção, consolidando e ampliando a base comum já construída na compreensão e vivência da liturgia cristã. O movimento ecumênico se propõe a isso desde suas origens. A Conferência de Fé e Ordem realizada em Lund (1952) fez importantes “recomendações” práticas às igrejas membros do Conselho Mundial de Igrejas. É frustrante observar que essas “recomendações”, feitas há cerca de 70 anos, são ainda hoje novidades para a maioria das comunidades cristãs. Não penetraram na vida litúrgica das igrejas e onde são conhecidas pouco, ou nada, se avançou na sua efetivação. Por isso julgamos importante retomá-las aqui: a promoção de posturas positivas e respeitadas frente às práticas de culto, sacramental ou não, das diferentes igrejas; a análise dos fundamentos teológicos do culto de uma igreja na busca de comunhão com o culto de outras igrejas; ver a diversidade de cultos como possibilidade de enriquecimento da unidade eclesial; estabelecer sintonia com o movimento litúrgico atual; analisar a relação do culto eclesial com o único sacrifício de Cristo e a resposta do fiel no culto e na vida; analisar os contextos socioculturais e psicológicos relacionados com o culto das igrejas; analisar as situações nas quais algumas igrejas entendem a pregação do Evangelho e a celebração eucarística como essenciais para o culto, enquanto outras entendem que a eucaristia contém em si os elementos essenciais do culto; aprofundar a relação entre o culto e o mistério da fé celebrado; fortalecer os esforços de estudo litúrgico comum entre as igrejas.⁴⁷

O diálogo sobre tais questões possibilita superar as divergências profundas que as igrejas têm sobre o culto cristão. A mesma conferência de Lund apresenta três temas a serem priorizados no diálogo: 1) a necessidade de dialogar sobre os elementos visíveis no culto, o que algumas igrejas entendem como elementos bento que podem ter um uso quase sacramental no culto, enquanto outras admitem apenas “o que Cristo estabeleceu” para o seu culto, não aceitando elementos materiais. 2) O culto aos santos: mesmo se as igrejas concordam na “comunhão dos santos” – todos os fiéis da terra e do céu –, o termo “santos” não é entendido da mesma maneira. Para algumas, “santos” indica todo o corpo cristão, enquanto, para outras, indica os santos beatos no céu. Algumas veneram os santos com hinos e cultos devocionais, celebram suas festas e lhes suplicam a intercessão junto a Deus. E outras entendem isso como algo estranho e de certo modo perigoso à fé em Cristo como o único intercessor junto a Deus, e somente a ele é que devemos prestar culto. 3) Algumas igrejas realizam orações pelos mortos, acreditando que eles necessitam dessas orações para receberem de Deus o mérito da comunhão eterna com ele. E outras igrejas entendem que, após a morte, o que precisamos fazer é apenas confiar no amor misericordioso de Deus, que acolhe os nossos caros falecidos.⁴⁸

Vê-se que são orientações práticas possíveis de serem adotadas por todas as igrejas que afirmam convicções ecumênicas. É importante que as igrejas, as organi-

⁴⁷ FÉ E ORDEM, 2005a, n. 5.

⁴⁸ FÉ E ORDEM, 2005b, n. 6.

zações de fiéis, as faculdades de teologia, as equipes de animação litúrgica das comunidades, quem preside as celebrações, se esforcem para a concretização dessas recomendações. Pode-se começar por aquelas que mais alto falam ao contexto vital de cada comunidade. E esse esforço acontece na consciência de que temos uma comunhão ainda parcial na fé em Cristo, nos sacramentos da fé, na igreja que celebra os sacramentos e nas formas dessa celebração. Mas a parcialidade dessa comunhão não impede, e até exige, celebrar juntos a fé que já é afirmada em comum. O caráter parcial da comunhão na fé questiona a consciência cristã e eclesial, e pergunta se realmente existe nas comunidades uma vivência plena do Evangelho quando não expressamos a catholicidade da comunhão. Entendemos sempre mais a gravidade da fragmentação do mundo cristão que a todo instante gera tensões e conflitos. No cotidiano das comunidades, os conflitos são de ordem pastoral, tal como as famílias cujos membros pertencem a igrejas diferentes e que, por isso, não podem participar plenamente da mesma liturgia. Esse fato desafia à continuidade da busca pela comunhão litúrgica, tendo como base a participação na comunhão do mesmo Batismo e da mesma Palavra, que já nos faz todos participantes de Cristo. A partir daí se avança para o mútuo reconhecimento dos sacramentos, particularmente da Eucaristia, que expressará a superação de toda parcialidade e fragmentação que atualmente nos faz sofrer como cristãos e como igrejas que querem cumprir o mandato do Senhor: “que sejam um!”.

Considerações finais

Na fé cristã a liturgia é o ponto mais alto e a fonte de toda a vida cristã, individualmente e da igreja como um todo (SC 10). Pois é o “memorial” ou *anamnese*, ou seja, recordação atualizada de um acontecimento histórico no qual se manifestou a ação salvífica de Deus em Cristo. Sua centralidade é o *mistério pascal* de Jesus Cristo, o *kerigma* anunciado como razão do ser e da missão da igreja (1Co 15.3-5). Por esse memorial celebrativo, participamos hoje do acontecimento salvífico da páscoa de Cristo. Cremos estar já vivendo, de forma preparatória, as realidades do reino de Deus. Assim, na celebração litúrgica, “anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus”.

Referências

- BERGER, Teresa. Liturgia de Lima. In: CERETTI, Giovanni (Org.). *Dizionario Ecumenico*. Bologna: EDB, 1994. p. 693-694.
- BRADSHAW, Paul F. The homogenization of Christian Liturgy – Ancient and modern: presidential address. *Studia Liturgica*, v. 26, p. 1-15, 1996.
- CENTRO DE ESTUDOS ECUMÊNICOS (Estrasburgo); INSTITUTO DE PESQUISA ECUMÊNICA (Tübingen); INSTITUTO DE ESTUDO DAS CONFISSÕES (Bensheim). *A Comunhão Eucarística é Possível*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006.
- COMISSÃO CATÓLICO-ANGLICANA (França). Ammissione ai sacramenti degli anglicani in Francia. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000. v. 2, p. 200-201.
- COMISSÃO CATÓLICO-ANGLICANA (França). Matrimoni. (1980). In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000. v. 2, p. 207-216.

- COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANA (Alemanha). Celebrare la domenica. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000a. v. 2, p. 679-686.
- COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANA (Alemanha). Comunione ecclesiale. (1984). In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000b. v. 2, p. 574-678.
- COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANO-REFORMADA (França). Battesimo. (1975). In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000. v. 2, p. 269-276.
- COMISSÃO CATÓLICO-LUTERANO-REFORMADA (França). L'intercomunione. (1969). In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2000. v. 2, p. 240-260.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para a Aplicação dos Princípios e Normas sobre o Ecumenismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIALOGO CATÓLICO-CALDEU E IGREJA ASSÍRIA DO ORIENTE. Orientamenti per l'ammissione all'eucaristia. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2006. v. 7, p. 473-476.
- FAGERBERG, David W. Liturgy, signs, and sacraments. In: BOERSMA, Hans; LEVERING, Matthew. *Sacramental Theology*. Oxford: Oxford University, 2015. p. 455-465.
- FÉ E ORDEM. III Conferenza mondiale: Lund, 1952 – Rapporto. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2005a. v. 6, p. 639-908.
- FÉ E ORDEM. IV Conferenza mondiale: Montréal, 1963 – Rapporto. In: *Enchiridion Oecumenicum*. Bologna: EDB, 2005b. v. 6, p. 911-1.060.
- JOHNSON, Maxwell E. *The Church in Act – Lutheran Liturgical Theology in Ecumenical Conversation*. Minneapolis: Fortress, 2015.
- LATHROP, Gordon. *Ecumenical affirmation and admonition revisited*. Disponível em: <<https://www.praytellblog.com/index.php/2010/10/12/ecumenical-affirmation-and-admonition-revisited/>>. Acesso em: 31 jul. 2019.
- _____. *Holy Things – A liturgical theology*. Minneapolis: Fortress, 1993.
- _____. *What are the Essentials of Christian Worship?* Minneapolis: Augsburg, 1994.
- OSBORNE, Kenan B. *Christian Sacraments in a Postmodern World*. New Jersey: Paulist, 1999.
- RAHNER, K.; FRIES, H. *Unity of the Churches: an actual possibility*. New York: Paulist; Philadelphia: Fortress, 1985.
- SERFONTEIN, Anli. *Vatican cardinal says lack of shared communion his greatest regret*. Disponível em: <<https://www.eurasiareview.com/22072010-vatican-cardinal-says-lack-of-shared-communion-his-greatest-regret/>>. Acesso em: 29 out. 2019.
- WOODEN, Cindy. *Cardinal asks dialogue partners if an ecumenical catechism might work*. Disponível em: <https://ecumenism.net/2010/02/ecumenical_catechism_proposed_by_cardinal_kasper.htm>. Acesso em: 29 out. 2019.